

O herdeiro da ilha solta o verbo



O governador Ciro Gomes, que não fuma em público para não dar mau exemplo, defende com unhas e dentes a filosofia de Maquiavel.

No vocabulário do sertão do Ceará, espilicute quer dizer falante, precoce. O governador do Ceará, Ciro Gomes, do PSDB, tem o perfil de um menino espilicute: seus 34 anos trazem o discurso, a barriga, a careca e o currículo de um político profissional. Antes de ser governador, foi prefeito de Fortaleza e duas vezes deputado estadual. Paulista de nascimento, o governador tem o sobrenome Ferreira Gomes, um ramo centenário e poderoso da política de Sobral, a mais vaidosa cidade do sertão do Ceará.

Na estrada que levou Ciro Gomes de Sobral para o Brasil — as pesquisas de opinião o apontaram como o melhor governador do País — um atalho precioso: Tasso Jereissati, antecessor de Ciro no governo e presidente nacional do PSDB. “A minha personalidade política, e mesmo a individual, não seria essa se não fosse o Tasso”. A criatura se voltará contra o criador? Ciro tenta provar que não, fazendo campanha antecipada para o líder: “O Tasso não pode ser prefeito, porque vai ser presidente do Brasil”.

Sucesso fora de casa, Ciro Gomes enfrenta dentro de sua “ilha de prosperidade” — uma expressão que ele jura não saber de onde veio — o ano que chamou de “inferno zodiacal”. Ciro se preparou para a seca e a eleição municipal. Mas as acusações de corrupção na Secretaria de Justiça, a chegada da cólera ao Ceará, as reivindicações trabalhistas do funcionalismo estadual e mais de 100 dias de greve dos médicos jogaram lenha na fogueira que chamusca o governador.

O governador se defendeu usando a oratória: “O açude do Cedro nunca foi contaminado; vou demitir o secretário Tavares; vou me encontrar com o presidente do Tribunal Superior do Trabalho e dizer que a Justiça do Ceará é licenciosa com o dinheiro público”. Algumas vezes foi pego no contrapé: a Saúde confirmou a contaminação do Cedro, e o ministro do TST disse jamais ter se encontrado com o governador. Ciro Gomes culpou a imprensa local, e o governo passou dois meses vivendo de desmentidos.

Além da retórica, listras também fazem parte do marketing do governador. Foi por marketing que ele começou a usar camisas listradas; hoje, usa-as “por sorte”. Mesmo dizendo não acreditar nos astros, encontra em si as características de um escorpiano legítimo: centralização e poder de controle. “Sobre o charme, não posso falar nada”.

Os outros falam: dizem os amigos do governador que ele teve casos rumorosos com a cantora Marisa Monte e com a jornalista Marília Gabriela. Os inimigos dizem que a lista é maior. O governador, que é casado e pai de três filhos, nega.

Mas se nega, não se esconde. Ciro Gomes frequenta muitos bares da cidade, especialmente o Divina Comédia. Talvez tenham nascido entre as noites de jazz e whisky no Divina Comédia os planos para o futuro: aprender a tocar saxofone, escrever um livro e abrir um bar. Política, só dois anos depois do final do mandato, que ninguém é de ferro. Nesta entrevista, o governador do Ceará fala de tudo e diz o que quer. Acredita quem quiser.

Entrevista com o governador Ciro Ferreira Gomes, dia 27/05/92.

Produção, edição e texto final: Fernanda da Escóssia, Isabela Martin e Christiane Viana.

Participação: Isabela Martin, Patrícia Maria, Lycia Ribeiro, Roberto Hipólito, Edgard Patrício, Leônia Vieira, Luciene Uchôa, Carmen Brasil, Giovana Teles, Andréa Pinheiro, Rogério Norões, Angélica Ramos, Fernanda da Escóssia e Clayton Martins.
Foto: Jarbas Oliveira



O governador Ciro Gomes chegou à sala de redação às 14h40min, com 10 minutos de atraso, e falou durante duas horas e meia.

Antes da entrevista, dois policiais da guarda pessoal do governador inspecionaram as condições de segurança da sala.

A entrevista foi gravada em vídeo, metade da gravação se perdeu, porque o equipamento do curso estava danificado.

Laboratório de Jornalismo — Governador, dizem que o escorpiano é centralizador e muito sexy. O senhor se considera um escorpiano legítimo?

Ciro Gomes — Eu não acredito nisso, não. Eu acho que essa angústia que a gente tem de buscar nos astros ou em outros fetiches as respostas para nossa ignorância, ou para a limitação da nossa consciência, não serve. Eu tenho algumas características dessa personalidade que você citou aí. Eu tenho a visão de que é necessário descentralizar a ação e concentrar fortemente a supervisão e o controle. Eu só me sinto seguro se eu botar o meu olho nas coisas. Mas eu quero que cada um tenha autonomia e vá fazendo. Sobre o charme, não posso falar.

LJ — O senhor sempre se veste muito bem, não é?

CG — Você acha? A minha mulher diz que eu sou muito displicente, não sei combinar nada. Eu só gosto de cores sóbrias, detesto cores berrantes e só tenho dois ternos, todos dois comprados na Ocapana.

“A imagem que eu faço de mim aceita a careca, mas não aceita a barriga. O cabelo não está mais nem caíndo, deixou de nascer”

LJ — E as camisas listradas?

CG — Essa coisa da listra começou na campanha para prefeito. Como eu era uma pessoa desconhecida — eu só era líder do Governo — e fui lançado para ser candidato, eu tinha um nível de reconhecimento muito baixo, acho que de 12%. No dia de tirar a foto da campanha, uma pessoa do nosso grupo aconselhou uma camisa de listras azuis finas. Eu comprei quatro e fiquei usando sempre, só saía na rua de listras. Queria que as pessoas me reconhecessem, que tivessem o recall do cartaz e se lembrassem de mim. E uso com calças escuras, normalmente azuis ou pretas.

LJ — É marketing eleitoral?

CG — Não. É uma imagem. As pessoas começaram a comentar porque o Tasso começou a usar, outro começou, e a gente está gostando desta estória. É o uniforme das mudanças.

LJ — Governador, apesar da pouca idade, a careca está avançando. Preocupa?

CG — Não, a barriga preocupa mais. Eu fazia muito esporte e tive que parar porque fiz uma cirurgia de hérnia na quinta vértebra, ainda quando era prefeito de Fortaleza. Nesse caso, a recomendação é nenhum esforço para a musculatura do abdômen. E a autoimagem que eu faço de mim aceita a careca, mas não aceita a barriga. O cabelo está desaparecendo mesmo, é um processo estranho. Não está mais nem caíndo, está é deixando de nascer...

LJ — Dizem as más-línguas que, com careca, barriga e tudo, o senhor faz muito sucesso com as mulheres. O senhor se considera um sexy-symbol?

CG — Olha, essa coisa do aspecto estético, às vezes, é realçada pra esconder outras coisas. Acho que isso não tem nada a ver. Veja o prefeito de Fortaleza, que foi escolhido — como eu fui — o melhor do Brasil. Com certeza não foi pelo referencial estético. Não que ele seja feio, mas não tem aquela beleza comercial. Acho que as pessoas acentuam esse lado para diminuir outros méritos.

LJ — Mas o que o senhor tem que todo mundo que vem aqui passa pelo Cambé e não passa pelo Paço? O que o Cambé tem que falta na Prefeitura?

CG — Não falta nada na Prefeitura. O que nós estamos sentindo é um nível de aprovação muito grande, ao nosso trabalho. Mas ainda falta muito o que fazer. A experiência do Ceará é uma coisa impressionante fora daqui. O povo aqui fala bem dos políticos, do prefeito, do governador. Então, nós conseguimos uma projeção política no Brasil que é inédita. Se acontece qualquer coisa por aí afora, os repórteres do Brasil todo ligam para cá. Se é o escândalo das bicicletas, ligam para cá para saber como é que o Ceará fez. Eu não posso ter controle de tudo. Liguei e perguntei: “Vocês compraram bicicletas? Compramos”. “De quanto?” “Noventa e nove”. Quando aí por fora compraram por 199. Então, agora sou chamado para dar palestras, para falar das experiências do Ceará. E cada vez eu começo dizendo: “O Ceará não é nenhum ilha de prosperidade. O Ceará tem 40% de desempregados, tem problemas disso, daquilo.”

LJ — Governador, o senhor mesmo acabou de fazer uma trajetória: de desconhecido que precisa usar camisas listradas para ser reconhecido, a um mito, um olim-

piano referencial em todo o Brasil. Uma vez o senhor disse que tinha medo de tudo isso. O senhor ainda tem medo?

CG — Não mais. Mas o que aconteceu naquela época deve ser exemplo para vocês que vão se repórteres. É preciso evitar o estereótipo. No Brasil, o estereótipo do político, reforçado pela atuação do presidente Collor, é o do homem que faz tudo. Eu senti uma angústia enorme porque, embora estivesse preparado para enfrentar os problemas administrativos, não me sentia o superhomem. Mas existem outras variáveis como a estatística de 100% dos sucessores que brigam com os sucedidos. O poder é uma coisa extremamente solitária e eu senti essa imensa solidão. Ainda tinha mais: a pressão dos empresários a favor do Collor. A elite do Ceará me pressionou com violência para que eu colorisse num momento em que ninguém falava mal do Collor. Mas eu não votei no Collor, não acredito nele. Não fazia parte do meu compromisso com a população do Ceará apoiar o Collor. No segundo turno eu votei no Lula, sem fazer proselitismo, não porque não acreditasse no Lula. Eu tenho admiração pessoal por ele muito grande, mas acreditava que a correlação de forças não dava perspectiva de um bom Governo. E como os dois não tinham isso, eu votei na personalidade que eu acreditava mais.

“A elite do Ceará me pressionou para colorir, mas isso não fazia parte do meu compromisso. No segundo turno, votei no Lula”

LJ — O senhor acha que hoje o presidente Collor tem medo do governador Ciro Gomes?

CG — Não, não. Essa trajetória não tem ponto de convergência.

LJ — Existe Ciro Gomes sem Tasso Jereissati?

CG — Essa personalidade pública, com certeza não. Tudo que nós temos hoje, é consequência de um processo coletivo no Ceará, e não da minha personalidade. Isso não é falsa modéstia. Tudo o que existe hoje é consequência do que foi feito no passado. Aliás, eu tenho consciência de que eu e o Tasso somos também consequência de um processo social no Ceará.



Durante a entrevista, **Ciro Gomes** fumou cinco cigarros — marca **Charm** —, comeu dois chocolates e bebeu uma garrafa de água mineral.

De um processo de colapso dos financiamentos do Estado, da crise fiscal que faliu os estados e a União. Não somos consequência passiva, mas animada, porque lutamos para dar continuidade a este processo. E eu tenho humildade para reconhecer que a minha personalidade política não seria essa se não fosse por Tasso. Mesmo a personalidade individual seria diferente, o Tasso é uma das influências da minha vida, assim como o meu pai, a minha mulher e algumas pessoas do tempo da faculdade. Alguns autores como Ernest Mandel, que fez uma leitura do trostkismo. Em 75 foi a minha época do movimento estudantil. Marcuse também me influenciou muito, naquele tempo em que eu era velho demais para ser hippie e jovem demais para ser punk.

“Eu utilizo Maquiavel, porque Maquiavel não era maquiavélico. Ele coloca as questões do Estado acima da moral burguesa”

LJ — Maquiavel, o senhor leu?
CG — Claro.

LJ — Utiliza?

CG — O que é que você acha? Você leu? Claro que utilizo. Porque o Maquiavel não era maquiavélico, né? Em alguns momentos, Maquiavel toca essa moral pequeno burguesa para mostrar os valores do político. Por exemplo: “Jamais prosperou o príncipe que deu empenho à palavra dada”. Mas as pessoas só entendem que o Maquiavel quer dizer que o bom político é aquele que não honra os compromissos. Não é isso. Ele quer dizer é que as questões do Estado estão acima da moral burguesa que diz “Pacta sum servanda”: o que foi posto tem que ser cumprido. Se for assim, vejamos o problema da dívida externa. Quer dizer que agora o Brasil tem que pagar? Olha aí onde é que está o Maquiavel. Quer dizer que temos que pagar estes juros absurdos de hoje, quando o combinado no início era de 2%? Quebrar isso não é dar empenho à palavra dada.

LJ — Governador, o senhor se diz adepto da social-democracia, um modelo político que prega a parti-

cipação dos sindicatos inclusive nas gerências políticas do Estado. Por que é que o senhor briga com todos os sindicatos?

“Sindicalismo brasileiro é fascista e tem origem corporativista. Os sindicatos acham que a corporação está acima do Estado”

CG — Eu não brigo com sindicatos. (Nesta hora o governador **Ciro Gomes** fez uma longa preleção que bem poderia ser intitulada “De como surgiu a social-democracia e de como os sindicatos no Brasil são paternalistas e corporativistas). Qual é o meu problema com os sindicatos? O sindicalismo brasileiro é fascista. E mantém, como tal, a origem corporativista. Os sindicatos acham que sua corporação está acima do Estado. O sindicato de trabalhadores rurais, por exemplo, é líder dos trabalhadores, e não do Ceará. Esses sindicatos são legítimos para defender os interesses deles, mas não os do Ceará. Mas não só os sindicatos de trabalhadores não. Eu já tive turras com o pessoal da castanha, com o pessoal da galinha... Mas conversando a gente consegue se entender. Pergunte ao sindicato dos comerciantes. Para negociar com os médicos, eu peguei o telefone e liguei para o Dieese. Falei com a Marlene Casela e disse: “Olha, vai lá porque eles não estão sabendo fazer”. Poucos dos sindicalistas brasileiros, como o Lula e o Vicentinho, se modernizaram.

LJ — O senhor acha que as elites cearenses são pelegas?

CG — São, pela consequência, embora nem todas sejam desonestas. Em alguns há uma motivação essencialmente desonesta. Diziam: “Não precisa apoiar o Collor de verdade não”. Algumas são covardes. Mas eu não aceito essa rendição. Por exemplo: quem mais tomou dinheiro da Caixa Econômica no ano passado? O Ceará. Eles têm medo do Ceará. Perguntaram o que eu achava da rolagem da dívida dos Estados junto à Caixa. Eu disse: “É uma negociata do Governo Federal com o seu Orestes Quêrcia”. Quem denunciou o escândalo de corrupção no Governo foi o Ceará, quando o presidente veio a Juazeiro do Norte. Queriam que eu assinasse junto com o presiden-

te acordo com a Caixa e eu já tinha notícia que era um superfaturamento. O presidente disse: “O senhor não vai assinar não?” Vou não. Anunciaram no som a assinatura do convênio, e eu disse: “Não vou assinar não”. “Você vai perder o dinheiro”. “Perco não. Eu quero o dinheiro e quero fazer três obras com o dinheiro desse superfaturamento que ia pagar só uma. Eu quero o dinheiro todinho no Ceará porque senão eu vou contar a história”.

LJ — O senhor está dizendo que o presidente sabia desse superfaturamento?

CG — Se ele sabia do superfaturamento, eu não sei. Ele sabia que tinha um papel para assinar e que eu disse a ele que não assinava.

LJ — O superfaturamento passou adiante e o presidente não tomou conhecimento?

CG — Isso aí eu não discuti com o presidente, não. Eu fui lá no presidente da Caixa Econômica e disse para ele que aquilo era uma esculhambação e que eu não assinava. Ele disse: “Tá bom governador, o senhor é quem manda”

LJ — Quando o secretário Antônio Tavares foi exonerado da Secretaria de Justiça, condenado a pagar dois milhões de cruzeiros, ele disse que isso era uma coisa comum em todas as secretarias. Como é que o senhor analisa essa declaração?

CG — Aquele caso não está concluído ainda. Eu já disse: se for apurada alguma coisa contra ele, ele será demitido.

“Perguntaram o que achava da dívida dos Estados junto à Caixa: É uma negociata do Governo Federal com o seu Orestes Quêrcia”

LJ — Por que o senhor o recolocou no cargo antes que saísse o resultado do relatório do Tribunal de Contas?

CG — Eu afastei o secretário e pedi, em dezembro, uma posição do Tribunal de Contas. Eles não me deram nenhuma resposta. Eu recebi o parecer da Assembleia e da Junta Comercial, inocentando o secretário, então o recoloquei no cargo.

Ciro Gomes não usa aliança. E diz que nunca usou, a não ser no dia do casamento, porque não gosta.

Dois dias depois da entrevista, a Secretaria de Saúde confirmou a contaminação do açude do Cedro pelo vírus da cólera.



Alunos de outros semestres do curso repudiaram o fato de a entrevista ter sido exclusiva aos alunos do Laboratório de Jornalismo.

LJ — Mas governador, a decisão deve ser do TCE.

CG — Mas se o Tribunal não decide, eu vou ficar numa situação vexatória dessas? Nesse caso, todas as denúncias feitas até agora foram infundadas, tudo, a licitação, a forma fantasma, a falta de estoque, tudo. Eu vi que o secretário é inocente.

“Eu li nos jornais sobre a contaminação do Cedro e a destruição dos mangues do Cocó. Não sei explicar. Nada disso aconteceu”

LJ — Como é que o senhor explica o fato de ter afirmado que conversou em Brasília com o presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Guimarães Falcão, quando um dia depois ele veio ao Ceará e disse que nunca houve tal conversa?

CG — O ministro está certo. Eu nunca disse que houve essa conversa, mas eu também li essa informação nos jornais. Do mesmo jeito que eu li que o açude do Cedro está contaminado, do mesmo jeito que li sobre a destruição dos mangues do Cocó, do mesmo jeito que eu li sobre a greve na Polícia Militar. Nada disso aconteceu. Eu não sei explicar isso.

LJ — Por que sua relação com a imprensa local é tão difícil, enquanto que com a imprensa do Sul o senhor se relaciona bem?

CG — O meu problema não é com os jornalistas, com as redações. O meu problema é com os donos das empresas, que são corporativistas, que só querem ver a defesa dos interesses deles. Mas esse conflito é normal, vai, melhora, aumenta, até que se chegue a um acordo. A virtude do diálogo é essa.

LJ — Qual o perfil do próximo candidato a prefeito?

CG — Veja bem, quando eu assumi a Prefeitura, eu tinha um abacaxi monstruoso. Não sabia de nada, nem o saldo bancário me deram, e até o telefone estava bloqueado por falta de pagamento. Eu tinha que tomar medidas truculentas, porque a confusão era grande demais. A Prefeitura não tinha dinheiro. Eu fechei o caixa. Cortei até a comida dos garis, e consegui a proeza de mandar para

a Câmara um balancete com todos os gastos zerados. Eu sabia que ia fazer inimigos mortais, mas tinha de ser daquele jeito. Dali, eu ia para casa. Mas o novo prefeito vai ter um trabalho mais difícil. E muito mais complexo administrar a partir de um referencial positivo do que a partir de um referencial negativo. Nós tínhamos o referencial que era o desastre no passado. Hoje quem assumir vai ter o sucesso do presente.

LJ — E o perfil?

CG — Vamos lá: tem que ser alguém com capacidade gerencial. Eu não quero valorizar nomes em detrimento de programas, como é comum na nossa tradição populista. Mas há de ser uma liderança nova no Estado, alguém sério. Se você tem retaguarda moral pessoal, você consegue resistir melhor aos conflitos. Todos os candidatos do PSDB têm essas qualidades. (Adolfo Marinho, ex-secretário de Ação Social, Marfisa Aguiar, de Desenvolvimento Urbano, o empresário Assis Machado e o próprio Tasso Jereissati eram os prefeituráveis do PSDB na época).

LJ — Por que essa idéia da campanha “Abra o Olho e o Coração” só surgiu em um ano eleitoral?

CG — Nós estamos procurando melhorar. Há entre nós um processo de avanço e, num seminário de avaliação do Governo, a partir das comunidades, surgiu essa idéia que nós achamos excelente. A partir daí foi dado um tratamento superprofissional, como

“Nós somos competentes e as pessoas não se acostumaram com isso ainda. Tudo que nós fazemos, fazemos melhor que qualquer um”

nós sempre fomos. Tudo que a gente faz, a gente quer fazer bem feito, melhor do que qualquer um, porque nós somos competentes e a população merece. E isso não é uma pesquisa, não, é um esforço de mobilização para que a população diga o que ela considera o principal problema. Não é uma pesquisa porque nós já sabemos os problemas de Fortaleza. Você acha que eu, que conheço todas as ruas, todas as praças, não conheço os problemas? Desse exercício

de mobilização vai sair um programa e, a partir da nuance detectada entre a população, pode-se escolher esse ou aquele candidato.

LJ — A propaganda do PSDB, “Abra o Olho e o Coração”, é campanha política antes do prazo?

CG — Não é, não. Com essa pesquisa, nós pretendemos acabar com essa falsa disjuntiva de que a eleição vai ser decidida entre Chico e Manel, e queremos levar a discussão para os programas. Nós queremos saber que problemas a população considera mais graves, e que cidade a gente realmente quer.

LJ — Essa campanha não é um referencial eleitoral? A campanha já foi suspensa por ter sido considerada propaganda eleitoral?

CG — Não foi, foi barrigada de novo. O procurador voltou atrás. Isso não é ilegal, não. A propaganda institucional de partidos é legal e esse foi o equívoco do Dr. Meton (Meton Vieira Filho foi o procurador que pediu a suspensão). Nós verificamos tudo isso antes de lançar a campanha. Nós somos competentes e as pessoas não se acostumaram com isso ainda. Você quer ouvir de mim que nós estamos fazendo propaganda eleitoral? Não estamos. (Muda de assunto e fala das eleições de Sobral).

LJ — A secretária Marfisa fica bem de listras?

CG — Fica, sim (rindo). Qualquer um dos nossos fica bem de listras.

LJ — O senhor concordaria com uma aliança PSDB/PT nas eleições locais?

CG — No primeiro turno, não é bom, não recomendo. O PT é o PT, a sua militância e, pela negação, é o antinós. Se nós somos os portadores das contradições de governar, e o PT é o portador da visão ideal de ser oposição, ele é a negação de nós. Se a gente se unir no primeiro turno, o PT deixará de ser o estuário da negação. O estuário respeitável, inclusive porque existe antinós aí que ninguém respeita. Eu sou amigo fraterno do João Alfredo, nunca concordamos em nada, desde o movimento estudantil, mas somos amigos fraternos. Tenho profundo respeito e grande amizade com o Ilário, presidente do partido. Tenho muito respeito, até mesmo amizade por Mário Mamede. Respeito muito o Guimarães, o Gilvan Rocha, a Alba Luci, pessoas que vão lá, são duras, são fortes, mas não são maluquetes. Eu não tenho respeito nenhum por esses maluquetes que estão agora no PSB. Não tenho ódio deles, não.

Da chapa escolhida, com Assis (Machado) — Adolfo (Marinho), diz-se que o militar não tem a simpatia do governador. **Ciro Gomes**.



Existem exceções no PSB como o Ariosto (Holanda), o Régis Jucá.

“Não tenho respeito por esses maluquetes que estão agora no PSB, o grupo do PRO, a ex-prefeita Maria Luiza. Mas existem exceções”

LJ — Quem são os maluquetes?
CG — PRO.

LJ — A prefeita Maria Luiza está aí?

CG — Claro. Eu fui o sucessor dela, eu conheço. Ela não é desonesta, mas é inconsequente, não sabe de nada do que é a coisa pública.

LJ — Governador, o senhor foi Arena, PMDB...

CG — Nunca fui Arena, fui PDS. Eu devia ter 20, 22 anos, e o meu pai quis que eu me candidatasse a deputado estadual. O meu pai era prefeito de Sobral pela Arena, que estava se reformulando. Nesta época se criou o voto vinculado, e eu tive que me candidatar pelo PDS, que era o partido do meu pai. E foi um escândalo, porque eu era do movimento estudantil, conhecia o Mauro Benevides, essas coisas. Eu achava o Iranildo Pereira o máximo — para você ver como as pessoas evoluem. O meu ídolo era o Paes de Andrade. Mas eu sempre fui social-democrata, desde aquela época.

“Eu era do movimento estudantil. Achava o Iranildo Pereira o máximo. Paes de Andrade era meu ídolo. Como as pessoas evoluem...”

LJ — Como foi que o senhor se candidatou a prefeito de Fortaleza se o senhor era domiciliado em Sobral?

CG — Bom, naquela época era uma confusão danada, uma história de Fortaleza sim, Cambéba não. Uma mistura de corporativismo e esquerdismo, um esquerdismo sem sentido, porque esquerda

aqui somos nós... Isso mesmo, eu gosto de provocar, esquerda aqui somos nós. Quem fez reformas profundas e estruturais aqui foi o Tasso, e agora, estamos continuando isso.

LJ — Continuando...

CG — Naquela época, eu era líder do Governo. O Tasso chegou para mim e disse assim: “Olha esse negócio de Fortaleza aí”. Eu disse: “Tá certo!”. E ele: “É essencial que a gente dispute eleição. E com chapa pura, que é para a população decidir se está com a gente ou não. E aí só vale a pena com alguém realmente comprometido com o projeto”. Eu disse: “Perfeitamente, eu também acho”. “E o candidato é você?”. E eu digo: “Tá doido. Tá maluco. Eu não posso, eu sou de Sobral, eu sou domiciliado em Sobral”. Nessa época, o meu sonho era ser prefeito de Sobral. Uns três ou quatro dias depois, o Tasso me chamou e disse que Mauro Benevides tinha dito que seria aprovada uma emenda na Constituinte que ia mudar de um ano para cem dias o prazo do domicílio eleitoral. E estava na véspera do último dia permitido. Eu fui lá e mudei o domicílio, sem problema, porque eu já morava aqui. Mas a emenda ainda ia ser votada pela Constituinte. Isso era março. Chegou abril, maio, junho e nada. Julho nada, agosto, setembro, outubro e a Constituinte foi promulgada com a emenda. Nós apostamos na Constituinte, foi só isso.

LJ — E agora que o senhor está à frente do Governo do Estado, o que o senhor acha da denominação do Ceará como a “Ilha da prosperidade”?

CG — Isso foi uma coisa que inventaram e colocaram como se fosse minha afirmação, mas nunca disse isso. Então, toda vez que sou convidado para alguma palestra, a primeira coisa que digo é: O Ceará não é nenhuma ilha de prosperidade. O Ceará tem problemas gravíssimos e nós não podemos estar satisfeitos com uma sociedade que mantém 40% de seus filhos desempregados ou subempregados, (esse é o mesmo número dos analfabetos no Estado), 65 crianças morrem, a cada mil que nascem, antes de completar um ano de vida, afora outros números que vou dispensar para que entremos logo no assunto que vamos discutir. Esse discurso eu já tenho decorado. Outra coisa que ressalto também é que, toda vida que eu parecer imodesto, que eu parecer vaidoso, eu não estou falando de mim, eu estou falando de um esforço coletivo de uma comunidade inteira que está envolvida num projeto. Lembrando ainda que os grandes méritos dessa

ruptura estão nas mãos de meu antecessor Tasso Jereissati.

LJ — Governador, o senhor não tem medo que o cigarro acabe prejudicando sua saúde?

CG — Já está. Já está prejudicando. Eu peço desculpas por estar prejudicando conjunturalmente a sua.

LJ — E verdade que o senhor pede sempre para os fotógrafos que não o fotografem fumando?

CG — Sabe o que é? Eu tenho uma relação com criança muito forte. E eu não gostaria que as crianças me vissem fumando.

LJ — E a aliança de casado, porque o senhor não usa?

CG — Nunca usei. Só usei aliança no dia do casamento. Não tenho jeito. Não uso anel, nada.

LJ — Governador, comenta-se que o senhor teve um caso com a cantora Marisa Monte. O que é que o senhor tem a dizer sobre isso?

CG — Você ouviu falar da Marília Gabriela também? (risos). Você ouviu isso nos corredores do poder? Não, nunca tive, com nenhuma das duas. Mesmo. Eu admiro muito ela (sic), gosto demais dela, eu tenho isso em comum com a Patrícia e com o meu filho mais novo, o Yuri.

“Quando eu tinha uns 14 anos, quis ser presidente da República. Coisa de adolescente. Sou muito novinho. Deixa para o Tasso”

LJ — Na prefeitura, o senhor disse que podia fazer muitos inimigos porque ia para casa. Depois do Governo, o senhor vai para casa?

CG — Quero escrever um livro com muitos episódios que eu estou anotando, com trechos de diversos processos, diversas experiências. E, no intervalo de dois anos até as próximas eleições vou aprender a tocar saxofone e vou botar um bar.

LJ — O senhor vai ser presidente da República?

CG — Não, sou muito novinho. Deixa para o Tasso.

LJ — Já quis?

CG — Já, quando eu tinha uns 14 anos. Coisa de adolescente.

O governador vestia o infalível uniforme tucano: camisa de listras azuis finas, tênis Reebok preto e calça preta.

O porta-voz Egídio Serpa, presente à entrevista, por duas vezes chamou o governador para um compromisso às cinco da tarde.

Ciro Gomes continuou respondendo a todas as questões: “ele é assessor, mas...”